

KHAOS

Na mitologia grega segundo Hesíodo, é o primeiro deus primordial a surgir no universo, portanto a mais velha das formas de consciência divina.

Seu nome deriva do grego antigo kháos ($\chi\acute{a}o\varsigma$), que significa «abismo», «vazio» ou «imensidão do espaço», referindo-se ao espaço vazio primordial.

O poeta romano Ovídio atribuiu a noção de desordem e confusão à divindade Caos.

Caos parece ser uma força catabólica, que gera por meio da cisão.



SEGREDOS DE UMA ILHA

— Θ INÍCIO —

NATACHA SILVEIRA
BRUNO SILVEIRA

Título Original: Segredos de Uma Ilha – O Início

Autores: Natacha e Bruno Silveira

Copyright © Natacha e Bruno Silveira

Copyright © Khaos Editora

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Vânia Leite e Ana Domingues

Paginação: Tânia Roberto

Capa: Rafaela Silva

1º Edição: julho de 2025

Acabamento/Impressão: Líberis

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Por decisão expressa dos autores, a presente obra respeita a grafia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

[Instagram.com/khaos.editora](https://www.instagram.com/khaos.editora)

Depósito Legal: 547690/25

ISBN: 978-989-3625-21-7

KHAOS

«O último a sair que apague a candeia
e cerre a porta.
Que ratos e morcegos
possam sem ser perturbados devassar
o que outrora foi lugar de gente.
apoderar-se dele.
fazer dele o seu salão de baile».

A. M. Pires Cabral, em *A Gaveta do Fundo*



♦ A ALCATEIA DA ♦
PEGADA
VERDEJANTE

*Porque todos os segredos
são revelados,
mesmo os mais bem guardados.*



ACADEMIA REAL DE CAÇADORES

Desde o início dos tempos que as criaturas místicas acompanham atentamente a evolução dos humanos e do mundo. O seu olhar, em tempos remotos, fez parte da sabedoria popular humana. Até que os seres místicos se revoltaram e revelaram a sua verdadeira faceta. Desde esse momento, passaram a viver na sombra, regendo-se às ordens instauradas por Kanope — a primeira criatura que deu origem a todas as outras. O Pai de todos os seres míticos na Terra que entrou num sono profundo, deixando a estabilidade e a ordem na mão dos seus descendentes directos, conhecidos como a Primeira Grande Família.

Ficara acordado que haveria um representante comum, de modo a solucionar todos os problemas que pudessem existir, criando-se, assim, o cargo de Presidente do Conselho da Comunidade Sobrenatural.

Eventualmente, depois de algum tempo, algumas dessas criaturas voltaram a conviver com os humanos. Novas regras foram criadas e cumpridas; contudo, é de senso comum que existem regras para serem quebradas. E, quando tal aconteceu, pela calada da noite, sem levantar suspeitas, formaram-se e educaram-se os novos membros, que se poderiam chamar de Nova Geração, Nova Raça. Mas um mago poderoso, conhecido por todos, decidiu acarinhá-los no seu pensamento como a Segunda Grande Família.



TEAM
DEVILISH



Introdução

O LÁ, caro leitor mistério! Se encontraste este livro, é porque está próximo o meu despertar. A história que se segue não é de todo ficção, mas sim uma realidade encoberta aos olhos dos comuns mortais. Sou conhecido por Kanope. É normal que não reconheças o meu nome, porém, os dos meus descendentes, devem ser-te familiares.

Alucard, Drácula, Ramsés...

Ah, ah, estes já reconheces? Bem me parecia. Porém, avancemos sem medo e, como tal, farei uma breve introdução.

Eu sou o que se pode intitular de primeiro ser sobrenatural puro, ou seja, nascido assim, de um cruzamento de «humanos» que já possuíam a predisposição para uma mutação superior. Eles, os meus pais, foram considerados deuses aos olhares confusos dos humanos. Foi assim que me tornei o progenitor, o Pai de todas as raças sobrenaturais do mundo. Sim, eu sei, não é uma conversa muito glamorosa para primeira impressão, mas os factos são estes.

Contudo, tenho de confessar um segredo... um segredo que nunca partilhei com os meus filhos. Tal como eu, existiram mais quatro: Helvina, Lilith, Lana, Ikaro... todos com a capacidade de criar e gerar qualquer ser sobrenatural, por sermos os primeiros — os originais, se assim o preferires. Mas há uns bons cinco mil anos, as regras eram completamente diferentes, e fui o escolhido para ser o único a criar descendência, por ordem do meu pai. Enfim, essa história será partilhada numa outra altura.

Num crepúsculo sombrio, quando o céu se tingia de um vermelho profundo, como se o próprio horizonte sangrasse, perdi os meus irmãos. O meu pai não suportou a ideia da perda e, por isso, obrigou a mãe de Lilith, a minha segunda madrasta, a realizar um feitiço para os preservar, na esperança de que, algum dia, regressassem. A vontade do meu pai foi feita, mas, até hoje, nunca tive a certeza de que tivesse funcionado. Esse processo foi designado como hibernação.

Anos depois desse acontecimento, e com a minha prole sobrevivente (porque nem todos os meus descendentes aceitaram bem o gene sobrenatural no seu organismo, acabando por falecer), entrei voluntariamente em estado de hibernação, fazendo companhia aos meus irmãos e deixando a responsabilidade ao meu filho, Drácula.

Contudo, após o início do processo, percebi que não fui o único a criar novas criaturas sobrenaturais, com poderes diferentes dos da minha prole. Poderes esses perigosos e ocultos para os meus descendentes! Algo precisava de ser feito com urgência. Mas, quando o feitiço foi criado, ele possuía as suas «chaves de segurança», de maneira a garantir que permanecesse em hibernação, e, sem dúvida, era frustrante. O tempo passou... e passou... e nada pude fazer além de ser um mero espectador, enquanto o desenrolar de milhentas décadas me aborrecia de forma exaustiva.

Pois bem, caro leitor! Já divagava nos meus pensamentos, que, neste momento, nada ajudariam. Por isso, aceita as minhas humildes desculpas.

Agora, após revelar, em breves palavras, milénios de mistérios e segredos, a tua missão, caro leitor, é arriscares a tua vida para descobrires quem são os últimos descendentes dos meus irmãos.



Capítulo 1

Falsas Aparências

O AR trémulo e frio pairava entre dois vultos agitados.

— Klein... por favor... eles não estão preparados para tal coisa
— implorou uma voz feminina em desespero.

— Não temas, meu amor. Poderão não estar preparados, mas eles são o meu legado. O nosso legado, Morrighan... — insistiu o homem, com a sua calma típica e com o famoso sorriso espelhado no rosto.

— Klein, eles ainda são crianças... Não estão preparados para tal mudança. Em Avalon estão protegidos de todo o mal e ameaças — suplicou a jovem, abraçando-o numa tentativa de se reconfortar.

— Eu sei que estão. Mas não poderá ser por toda a eternidade. O que será deles quando a minha família descobrir a sua existência?

— Klein, decerto que os matarão! — Um pequeno gemido de desespero saiu da boca de Morrighan. — Tu sabes como eles reagem quando descobrem um *damphiro*, quanto mais a *eles*!

— Não se eu falar directamente com o Drácula — insistiu, num tom assertivo, de modo a acalmar a sua cara-metade.

— E quando pensas falar-lhe? — ecoou a voz feminina, repleta de dúvidas.

— Hoje mesmo, depois de me encontrar com o meu irmão para resolver alguns assuntos pendentes relacionados com a banda e pedir-lhe apoio para esta situação.

Selaram a despedida com um beijo de sabor agrioce.

Horas mais tarde

— Kaos, meu irmão! Necessito de falar contigo a sós! — exclamou o jovem sorridente, entrando no pequeno camarim, repleto de instrumentos, uns mais gastos, outros ainda embalados, ansiosos por serem estreados. O sítio já tresandava ao cheiro favorito de

Kaos: mentol. Os olhares cúmplices entre todos os membros não passaram despercebido a Kaos, que gesticulou, indicando o canto da sala, perto de uma janela, para que pudesse conversar e fumar um cigarro.

Os dois eram parecidos fisicamente, mas os feitios não poderiam ser mais díspares. No entanto, adorava o seu irmão e sempre o protegeu, mas estava na hora de acabar com as trapalhadas em que ele se metia, pois começavam a causar demasiados danos à imagem da banda. E se pretendia o apoio do seu avô, rei dos vampiros e de toda a corte sobrenatural, Kaos tinha de estar em boa graça na comunidade. Mas ele, o príncipe herdeiro daquela mesma comunidade, possuía uma tarefa complicada pela frente e que iria custar imenso a todos. Mas, por um bem maior, concordou em fazê-lo.

— O que te aflige? Partiste algum coração, foi? — comentou Kaos, soltando uma sonora gargalhada ao ver o irmão aproximar-se.

— Isso é todos os dias, como tu gostas de salientar! — respondeu Klein, com um sorriso rasgado no rosto. — Ouve-me! Ainda estamos a tempo de te livrar desse teu vício. Sabes bem que o pai não o aprova, e com toda a razão.

— Se é sobre as minhas drogas podes já mudar de assunto. Tenho isso controlado. Vou acabar com o fornecedor — respondeu, exibindo os caninos afiados e um olhar assassino.

Klein soltou um suspiro quase sem acreditar na ingenuidade do irmão.

— Matar não é a solução. Terás sempre acesso ao produto — ripostou Klein, sem se deixar afectar pela bravata.

— Como sempre, tens razão — anuiu, desiludido, Kaos, amuando temporariamente, algo a que Klein já estava habituado.

— Ouve-me, tenho algo importante para te contar... — sussurrou Klein, com os olhos a espreitarem de soslaio, como se perscrutasse uma sombra invisível. — *O que quer que aconteça, nunca te culpes, irmão.* — As palavras escaparam-lhe num murmurio tão ténue que quase se perderam no ar, enquanto o sangue jorrava em rios escarlates do seu corpo, até que desabou, inerte, sobre o chão. O seu olhar, outrora quente e cheio de vida, transformara-se num reflexo gélido e vazio, como um espelho embaciado pela morte.

— O que quer que venha a acontecer, nunca te culpes, irmão — repetiu Klein num último suspiro, antes de o silêncio se apoderar

de tudo. O sangue continuou a fluir, tingindo o solo, enquanto os seus olhos, outrora tão afáveis, se fixavam num ponto distante, sem brilho, sem alma.

O horror pairou no ar, pesado e impenetrável, como um véu que ninguém ousaria levantar.

Os elementos da banda olhavam horrorizados. O olhar de Kaos era de medo puro. Alguém assassinara o seu irmão, mesmo à sua frente. Aquilo era uma tragédia! Agarrou o corpo inerte do irmão e gritou, estilhaçando todos os vidros da divisão. Chorou, jurando vingança contra o assassino.

Algures em Avalon

— Pai! Pai! O Klein foi assassinado! — exclamava, com as lágrimas a caírem pelo rosto. — O que faremos agora? O que será deles, pai?

— Sairemos de Avalon, minha filha — respondeu o homem, abraçando-a e tentando confortá-la o melhor possível.

Ao longe, viu os seus três netos, a brincar como diabretes, alheios ao que acabara de suceder.

— Deixar o lugar mais seguro do mundo? Não creio que seja a melhor opção, pai — soluçou a jovem.

— Sim! Será melhor para eles, e era também o desejo de Klein...

Morrighan estancou ao ouvir as últimas palavras proferidas.
Desejo de Klein?

— E para onde vamos? — questionou de forma pouco convincente, pois, por alguma razão, no seu coração, por muita dor que sentisse, sabia que o seu pai a orientaria e apoiaria, como sempre o fez, não fosse ele um mago sábio.

— Para uma pequena ilha no Oceano Atlântico chamada Madeira — respondeu o homem, exibindo, através de um feitiço, o globo terrestre e a localização da pequena ilha. — Faremos algumas adaptações, Morrighan.

— As que forem necessárias — concordou a jovem.

— Lamento toda esta situação — desabafou com algum pesar. — Klein era a esperança da unificação de todas as raças e da proteção deles. — Referindo-se aos seus netos.

— Ele prometeu que ia revelar a verdade a Drácula, mas não creio que tenha conseguido.

— Creio que não, Morrighan. Caso contrário, já teríamos as nossas cabeças a prémio. — Tornou a abraçar a filha, dando um beijo na cabeça, tranquilizando-a. — Tenho alguns contactos lá, como a Alcateia da Pegada Verdejante, que, já há algum tempo, necessita de nós para os apoiar.

Morrighan concordou com o seu pai, mas, antes de encarar os seus filhos, foi chorar para uma sala em privado. Teria de ganhar forças para enfrentar o futuro.

Cinco anos depois

— Meninos! Horas de irem para a escola! E nada de atormentarem os humanos com os vossos truques exibicionistas! Eu coloco-vos de castigo se me desobedecerem! — advertia a feiticeira Morrighan, que passara a ser conhecida pelo nome de Inês Salgueiro, ao ver os filhos de regresso à escola, que, nesse ano, coincidia com o primeiro dia de Outono e com o aniversário da filha mais nova.

— Mas, mãe, logo hoje? Prometes que depois posso ir brincar com os lobos? — interrogou a pequena, ensonada, ainda a esfregar os olhos, ao mesmo tempo que se desviava de um ataque súbito de cócegas do seu irmão do meio.

— Sim, filha! Até porque os irmãos do Chris estarão à nossa espera — revelou, conquistando um sorriso da filha.

Um dos rapazes, que era uma autêntica pulga eléctrica, apareceu de surpresa, pregando um susto à irmã e obtendo um grito da mesma, que lhe saltou em cima. Não tardou muito até que o irmão mais velho interviesse para separar os mais novos, como já era habitual em todas as santas manhãs. Com um olhar severo da mãe, decidiram abrandar a agitação e despedir-se dela.

— Ok, mãe! Até logo! — despediram-se em simultâneo, enviando um beijo à matriarca e teletransportaram-se para um local seguro e próximo da escola.

— Klein estaria orgulhoso deles os três. Tão novos e já conseguem teletransportar-se e cobrir o rasto — comentou uma voz masculina, surgindo ao lado da feiticeira.

— Eu sei que ele está, grande mago. A minha preocupação agora é a segurança deles — confessou, nervosa.

— Não te preocipes. Irei acompanhá-los de diversas formas,

garantindo a sua segurança e protecção. Em breve, estarão prontos para avançar para o ensino sobrenatural a sério. Não te aflijas! — sossegou-a. — Encarregar-me-ei de que tenham mentores da minha confiança, capazes de lidar com este novo tipo de poderes, desconhecidos para todos nós.

— O que for mais correcto e seguro... faça-o, para o bem deles e de todos nós — suspirou a feiticeira com um brilho inquieto no olhar.

Uma década depois

Se Inês soubesse o trabalhão que os seus filhos lhe dariam, teria decidido ficar em Avalon, nem que os barricasse com magia. Pelo menos, teria reduzido a quantidade de dores de cabeça. Adolescentes. Humanos ou não, eram um inferno! E com três filhos ao seu cuidado, cada um com poderes diferentes, isso significava cuidados redobrados, mas também arrufos a toda a hora, devido às hormonas ao rubro e a magia a querer lutar pelo seu direito ao protagonismo.

— Mas, mãe! Eu queria ir com eles para a Academia Real de Caçadores, ser treinada pelo mais talentoso caçador de todos os tempos! E, ao invés disso, fico com um tresloucado de quem nunca ouvi falar? Quem é afinal o mestre Tsukishiro nesta terra? — reclamava, na pequena sala de estar, uma jovem de dezanove anos, que, por vezes, soltava algumas faíscas azul-eléctrico.

— Bárbara Salgueiro! Comporta-te! — A jovem exibiu uma expressão mais carrancuda ao ouvir o seu nome pronunciado em português. Ao menos, isso significava que a mãe não estava irritada o suficiente para chamá-la pelo seu nome original. — O mestre Tsukishiro é da confiança do teu avô! Não o conheces, porque são poucos os sortudos com a benesse de tê-lo como mentor. Por isso, não sejas mal-agradecida e pára com essas faíscas, antes que frites a mobília! — bradou a mãe, já num tom pouco amigável. — Além do mais, a tua aprendizagem por aqui já atingiu o limite. Precisas de evoluir, minha menina.

— A minha questão mantém-se! Porquê ele e não o mestre Kaiser?

— Mas és casmurra! São aprendizagens diferentes que tu e os teus irmãos necessitam neste momento — esclareceu a mãe,

obtendo a famosa cara de amuo, que lhe causava um aperto no peito por ficar parecida com quem não devia.

E, a cada dia que passava, mais transparecia essa semelhança.

Os seus filhos passaram a estar ao cuidado de outras pessoas, longe de si, e isso causava-lhe um aperto no coração. Afonso e Duarte, com vinte e três e vinte e um anos de idade, respectivamente, foram escolhidos com distinção para fazerem parte de um corpo de estudantes da Academia Real de Caçadores. E, claro, a irmã mais nova não gostava da ideia de estar separada dos irmãos, pois tal nunca tinha acontecido.

O filho adoptivo, Christopher, vulgarmente chamado por Chris, um lobo gigante, com vinte e seis anos, estava na Estónia a finalizar os estágios profissionais em mecânica e segurança privada.

O tempo voava e, a cada dia que passava, aumentava o risco de serem descobertos.



Capítulo 2

Japão – Noite de lua cheia

Sakura

O AMPLIO céu azul-escuro ponteado com estrelas cintilantes, refulgia com a chuva de meteoros — a maior dos últimos anos. À medida que esses corpos celestes errantes atravessavam a camada exterior da atmosfera, transformavam-se em bolas de fogo que emitiam cores intensas, um espectáculo de rara beleza, uma combinação mística com o luar que banhava as flores de cerejeira, cuja fragrância ténue e fresca pairava no ar.

O brilho encadeante dos faróis rasgava a escuridão, acompanhado pelo ronco de motores ferozes e potentes. Derrapagens arriscadas, provocadas por mudanças de direcção. A velocidade absurda sucedia-se, substituindo o cheiro das flores de cerejeira pelo odor proveniente dos travões e da borracha queimada, deixando o asfalto marcado. A adrenalina estava ao rubro e a atenção no máximo, enquanto descrevia curvas aflitivas que me comprimiam o coração e percorria um gelo pela espinha abaixo. Destreza e loucura aplicadas a cem por cento, em perfeita conjugação. As luzes ofuscavam constantemente a minha visão, a noção da realidade esbatida numa imagem tubular provocada pela grande velocidade. A sensação de perigo estava presente a todo o microsegundo. Luzes dos outros carros, iluminação da pista, o público. Sim, eu estava a participar numa corrida ilegal de carros de grande potência, nos arredores de Tóquio. Os riscos eram enormes, os ganhos ainda maiores.

Estava aos comandos de uma máquina infernal, um *Nissan GTR R35* — cuja performance tinha sido largamente melhorada na Alpha Performance —, ultrapassando os 1000 CV de potência. Na corrida, participavam outros carros potentes, de marcas emblemáticas como *Lamborghinis*, *Porsches*, *Ferraris* e vários desportivos nipónicos, como o *Toyota Supra* e o *Mazda RX7* dos meus colegas de equipa,

todos eles alterados. Espatifar um carrito desses a tais velocidades equivalia a sair aos bocados da corrida, uma consequência certa, bastando uma pequena falha, fosse ela mecânica ou do condutor. Se sobrevivêssemos a isso, sobreviveríamos a tudo e arrecadaríamos um prémio tremendo, que assustaria um simples mortal.

Esmaguei o acelerador e torci o volante, provocando uma derrapagem às quatro rodas. Ultrapassei, pelo exterior da longa curva à direita, os dois carros que ainda estavam à minha frente, numa nuvem de fumo de pneu martirizado. O grito dos turbos sobrepuinha-se ao rosnar surdo do massivo V6, que propulsionava a máquina, conquistando vários metros de vantagem, enquanto os ponteiros atingiam as 8000 rpm e os 260 km/h.

Meus queridos... apenas vos tinha dado uma falsa sensação de liderança, pensei, com um sorriso afiado. Oh, sim! As corridas faziam demasiado bem ao meu lado sobrenatural escondido.

A euforia era nítida! Conseguia sentir o alvoroço do outro lado da pista.

«DEVILISH!» foi o grito que soou ao cruzar a meta. Olhei pelo retrovisor do meu «diabo de rodas». Primeiro lugar.

Com um pequeno truque exibicionista, mostrei o meu *Nissan* preto com riscas vermelho-rubi, com letras estampadas *Team Devilish*, fazendo vários *donuts* até que a nuvem de fumo ocultou o carro, para delírio da multidão. Sim! Queria que olhassem bem e percebessem que uma pequena rapariga como eu conseguia dominar uma besta de uma máquina e dar uma abada à rapaziada sem qualquer stress.

Retirei os cintos de segurança e saí do carro no meu fato de cabedal preto justo ao corpo, com botas *Dr. Martens* da mesma cor. Aplausos e ovações ecoavam nos meus ouvidos. Olhei para o letreiro luminoso. *Devilish* conseguira terminar em primeiro lugar as três corridas que decorriam em simultâneo. O resultado permitir-me-ia dar um descanso à carreira e avançar com outros projectos que tinha em mente.

Vi no pódio os meus dois colegas. Sim! Tínhamos conseguido algo fora do comum — um este trio fenomenal e perigoso, em todos os sentidos.

Senti-me observada e virei-me. A origem do olhar era o condutor do *Ferrari*, onde se notava as suas iniciais K.R.P. estampadas, que acabara em segundo lugar. Os seus olhos brilhavam furiosamente na

minha direcção, acentuando a heterocromia da safira e esmeralda dos mesmos. Brilhavam de forma letal. Conhecia aquele olhar. Já não era a primeira vez que nos encontrávamos, embora a situação fosse bem diferente. Sorri ironicamente, ciente de que fizera um novo «amigo», que descarregou a frustração com um violento pontapé no pneu do seu carro. O pneu esvaziou com a força empregue. Flynn Flame, que acabara de vencer — como sempre — a competição de motos, abraçava-nos, felicitando-nos pelo nosso desempenho. Mas, nessa noite, tudo mudou.

Abri os olhos por uns instantes, tornando-os a fechar suavemente. Suspirei e inspirei fundo, de forma calma e quase inaudível. Já não estava no Japão, nem aos beijos com Flynn, mas no meu escritório a milhas de distância. Encontrava-me em estado de meditação. Abri vagarosamente o olho esquerdo, só para confirmar se era mesmo Teddy, um dos meus guarda-costas, que me tinha trazido de volta para a realidade.

Teddy era um lobisomem — *sim, eles existem, assim como outras espécies bem mais perigosas e assustadoras* —, e despertara-me na hora certa, como sempre.

Tinha uma reunião agendada com um dos distribuidores de bebidas do clube. Esbocei um pequeno gesto de agradecimento, e *Teddy Bear* — como eu gostava de o alcunhar — saiu de imediato do escritório. Na realidade, chamava-se *Theodore Winter* e era o meu braço direito ali dentro. Alcunhei-o assim, porque, além de ter o hábito de apelidar toda a gente, ele possuía a aparência elegante, um certo porte atlético, pele clara, cabelo loiro e olhos azul-acinzentados, recordando-me, de uma forma absolutamente ridícula, um urso de peluche que tive na infância.

À parte disso, ele era, sem dúvida, o lobisomem mais meigo e educado que conhecia, e a minha lista de conhecimentos era vasta nesse sentido, visto que os meus seguranças eram quase todos dessa raça. Teddy vestia uma camisa azul, que realçava os seus olhos, umas calças pretas e ténis *Converse All Stars*.

Era, com muito orgulho, a proprietária do clube nocturno chamado *Clube O Encoberto*, o mais popular e admirado pela comunidade sobrenatural, visto ser o primeiro estabelecimento onde todas as raças existentes podiam conviver e socializar, sem as confusões e divergências com que cada uma sempre se debateu.

O clube situava-se na Ilha da Madeira, no concelho de Porto Moniz, uma zona caracterizada por ravinhas abruptas, com vegetação luxuriante e mar profundamente azul e revolto, em que as correntes de poder místico eram quase palpáveis até por alguém que fosse destituído de qualquer poder sobrenatural. Um ponto de atracção turística obrigatória para os visitantes. Uma localidade diferente, pequena e agradável, repleta de restaurantes e pequenos hotéis com gastronomia típica, sendo as piscinas naturais de água salgada o elemento mais marcante desse sítio. Respirava-se e vivia-se a brisa do mar daquele local incrível e especial.

O acesso ao estabelecimento estava camouflado com um feitiço de ocultação e de protecção, dissimulado numa rocha da promenade, junto à antiga fortificação — entretanto convertida em aquário —, de modo a não atrair a curiosidade dos humanos. O restante trajecto fazia-se através de um «tubo» largo, submerso, escavado na rocha vulcânica, com várias janelas que proporcionavam a sensação de estar no fundo do mar, conduzindo até à entrada principal do clube. Essa era apenas uma das maneiras de entrar, visto que existiam alguns portais mágicos que podiam levar as pessoas até à mesma entrada, onde se encontrava a maior quantidade de seguranças destacados. O contingente era formado por vários lobisomens, vampiros e um feiticeiro, o que permitia anular potenciais ameaças de visitantes mal-intencionados logo na entrada, evitando sarilhos no interior e, assim, os utilizadores do espaço não eram perturbados e sentiam-se seguros — razão pela qual a clientela vinha a aumentar com regularidade.

Saí do escritório com passadas rápidas e enérgicas, em direcção à cave, onde iria confirmar com o fornecedor as bebidas, as quantidades e, claro, a validade. Fui observando tudo o que me rodeava até chegar ao local pretendido. Dali a uma hora, o clube abriria. De momento, estava tudo sossegado. O staff estava a preparar-se para o turno de trabalho. Atravessei a nossa ala, que ficava ligeiramente separada do clube em si, mas com uma área equivalente à dos clientes.

Empregava uma equipa de trinta elementos, sendo que a maioria vivia naquela ala, que continha quartos individuais, sala de lazer e cozinha. Afinal, não existiam muitos sítios onde as criaturas sobrenaturais pudessem estar à vontade.

Quando ia sair, parei à frente da placa das regras de convivência impostas por mim:

1. Só é permitido beber sangue sintético dentro da área do clube.
2. Proibido transformar-se dentro e fora do espaço do clube.
3. Proibido trazer «seres estranhos ao serviço» para o quarto.
4. Nada de drogas e negócios ilícitos.
5. Proibido lutar.

O staff era composto pelas diversas raças existentes, e todos conseguiam conviver e colaborar entre eles de forma pacífica. Não era fácil! Nada fácil! Era um trabalho constante e, por vezes, esgotante! Ser chefe de um bando de homens possessivos, temperamentais e alguns com um mau feitio do tamanho do mundo, era, sem dúvida, um autêntico desafio.

Vampiros, lobisomens, feiticeiros, metamorfos e demónios, tudo dentro do mesmo espaço, confesso-vos que é do mais caótico e insuportável de se aturar, mas continuo a achar mais simples do que conviver com a sociedade humana actual. Além de que, de vez em quando, ocorrem situações hilariantes.

Claro que lidar com eles diariamente também possuía outras variantes atractivas que, como rapariga, não podia descurar, como era o caso dos físicos perfeitamente modelados, com músculos bem definidos e também o facto de estarem sempre dispostos a ajudar-me mesmo fora do clube, algo que não fazia parte das funções deles, mas que, no entanto, gostavam de fazer de forma voluntária.

— Chefe! O senhor Manuel já chegou — informou um dos meus seguranças, estalando as articulações dos seus imponentes punhos.

— Relaxa, Chris! Já lá vou, se precisar de algo, chamo-te — respondi, rindo.

Chris, sendo o diminutivo de Christopher, era um dos lobisomens que mais gostava de «extravarasar a energia através de actividade física intensa», como definiu o meu *sensei*¹, ou seja, nada como uma boa luta para lhe alegrar o dia. Chris era como um irmão para mim, pois crescemos juntos, acabando até por ser adoptado pela minha família.

Era um matulão de cabelos escuros, olhos cor de amora, moreno, com ar de rufia. Tinha uma constituição de quem praticava culturismo de forma profissional e era alto... bem, *alto* talvez não fosse a definição ideal para alguém de dois metros e trinta, mas ok. Nesse dia, as calças de ganga escuras estavam mais esfarrapadas do que o

1 Termo japonês usado para designar mestres, professores ou pessoas de elevado respeito e conhecimento numa determinada área.

costume; as letras quase indecifráveis da *t-shirt* preta destacavam-se sobre os seus peitorais enormes e calçava umas botas pretas ao melhor estilo *motard*.

Teddy abriu-me a porta. Olhei-o, e ele sorriu. Por vezes, irritava-me aquela capacidade dele de aparecer do nada com o típico sorriso encantador. Fui em direcção ao corredor e a porta fechou-se. Teddy trabalhava no clube como *barman*, segurança e pertencia à mesma alcateia que Chris, a Alcateia da Pegada Verdejante. Por alguma razão, Teddy era, de todos os meus *barmen*, o que mais atraía clientela do sexo feminino. Ao «apagar» o pensamento sobre o meu guarda-costas, ouvi e senti, de uma maneira clara e quase cinematográfica, o rebuliço que eles começavam a criar nas minhas costas, e eu não tinha dado mais do que dez passos. Ri-me e continuei em direcção à cave.

O clube possuía alas individuais para as principais raças: vampiros, demónios, lobisomens, metamorfos e feiticeiros, sendo a comum a todas as raças a mais popular. E, dentro de cada ala, existiam ainda as salas *VIP*, todas elas dispostas e ornamentadas de forma diferente e, por vezes, por temáticas.

Em cada corredor, frases e poemas dedicados a grandes nomes da literatura portuguesa, como Fernando Pessoa e Luís de Camões, decoravam as paredes — afinal, uma das obras de Pessoa, *Mensagem*, está dividida em três partes, sendo uma delas *O Encoberto*, e assim surgiu o nome do clube: uma singela homenagem aos escritores portugueses.

Abri a porta da cave, com alguma rangida à mistura. Arqueei a sobrancelha, ligeiramente aborrecida. Eles tinham-se esquecido de dar um retoque na porta, outra vez. Encolhi os ombros de forma discreta e, em simultâneo, utilizei um pouco da minha magia para corrigir o ligeiro empeno, enquanto a fechava.

Montes de caixotes! Montes e montes! Ficava sempre chocada com a quantidade de encomendas que efectuava por semana e como tudo desaparecia num ápice! Bom sinal, o negócio corria bem. Nesse sentido, não podia reclamar, mas não deixava de impressionar.

— Boa tarde, senhor Manuel! Já está cá toda a mercadoria? — inquiri ao feiticeiro, que ainda se encontrava entretido no seu *tablet*, confirmando o que cada caixote continha. *Pensam que a comunidade sobrenatural não aderiu às novas tecnologias?* Ao ouvir a minha voz, virou-se rapidamente e sorriu-me de imediato.

— Muito boa tarde, menina! — começou o feiticeiro. — Estão aqui todos os itens encomendados. — Parou para consultar as suas tabelas e referências, passando a enumerar cada caixa e respectivo conteúdo. — Todos os tipos de sangue sintético e com validade de um mês! Certifiquei-me pessoalmente. A restante encomenda está nestas caixas aqui.

Cerveja em doses industriais, *vodka*, tequila, aguardente de cana, *saké*, absinto e vinho — para enumerar alguns dos constituintes da encomenda, digamos, normal para o consumo diário.

Lobisomens adoravam cerveja, enquanto os vampiros, por exemplo, não dispensavam de uma boa dose de absinto ou de uísque. A tolerância dos seres sobrenaturais ao álcool era substancialmente maior do que a dos humanos e, por isso, o consumo por cliente atingia, muitas vezes, quantidades irreais, algo que o meu fornecedor apreciava muito.

Por mais que custasse, tinha de confirmar cada caixa com ele presente. Não acreditava na palavra dele, nem de qualquer outro distribuidor, pois já tive incidentes desnecessários à conta de confiar na palavra dos outros. Amigos são amigos, negócios são negócios.

Iniciei a contagem pelas caixas de sangue, já que era o mais demorado e o que mais carga possuía, passando de seguida para as outras bebidas. Depois de tudo acertado, estava na hora do pagamento. Tudo em dinheiro.

— É sempre bom fazer negócio consigo, pagamento na hora. Hoje é lua cheia, e parece-me que os seus cachorros ainda estão aí dentro. Não estará na hora de os soltar? — comentou com uma ligeira gargalhada.

Não gostei do tom, nem do termo «cachorros». Considerava essa expressão uma grande falta de consideração por uma raça que já deu tanto de si para proteger todas as outras.

— Esse é um assunto que apenas diz respeito à minha gestão de pessoal... Em relação aos nossos negócios, não pense que me passou despercebido o aumento no valor do sangue sintético — disse, deitando-lhe um olhar em que tremeluzia tons de azul e dourado alternadamente.

O meu interlocutor empalideceu, o que logo me fez lamentar o meu descuido. Preferia que se mantivesse na ignorância em relação à verdadeira extensão dos meus poderes... e tons dourados sempre foram um indício seguro de que não eram diminutos.

— Lamento imenso, mas o preço de mercado tem vindo a aumentar. Os *stocks* do produto estão anormalmente baixos — apressou-se a explicar Manuel, o nervosismo presente na sua voz.

Campainhas de alarme soaram imediatamente no meu cérebro. A criação do sangue sintético permitira que os vampiros abandonassem as suas práticas predatórias sobre os humanos, diminuindo as possibilidades de exposição pública que o Conselho da Comunidade Sobrenatural tentava evitar de todas as formas possíveis. Quantos actos de vampiros descontrolados pela sede de sangue tinham sido classificados como casos de cultos satânicos ou de *serial killers* nos últimos anos? Muitos mesmo, mas, depois do aparecimento do sangue sintético, essas situações tornaram-se pontuais. Se ocorresse uma ruptura de *stock*... seria uma catástrofe.

— Essa é uma situação inesperada... mas julgo que se poderia compensar com um bónus nos outros produtos. Tome em consideração aquando do próximo pedido. Talvez daqui a cinco dias torne a entrar em contacto com a empresa para realizar a próxima encomenda. Mande cumprimentos meus ao presidente e que ele não se esqueça de cá passar — respondi, primeiro num tom frio e pouco amigável, mas que tornei progressivamente mais ameno, conforme fui realizando o pagamento e assinando a papelada necessária.

— Considere entregue o seu recado. Até para a semana, menina — despediu-se sem demora.

Teddy abriu logo de seguida a porta e acompanhou-o à saída. Não, ele não esteve atrás da porta durante esse tempo, apenas o tinha chamado telepaticamente enquanto assinava as guias e as facturas. Método simples, prático, silencioso e muito eficaz «na casa».

Após a sua saída, um calafrio percorreu-me a espinha. As implicações da conversa eram graves e, para ajudar, era mesmo noite de lua cheia. Isso nunca foi bom presságio, digam o que disserem. Com um simples estalar de dedos, arrumei os caixotes. Tirei o telemóvel do bolso das calças de ganga. Faltavam quinze minutos para a hora de abertura e, num movimento rápido, tornei a guardá-lo.

Subi depressa da cave para a nossa ala e o rebuliço, conforme os meus passos se aproximavam da porta, começou a abrandar. Senti a porta abrir de repente. Não era Teddy, mas Chris, todo entusiasmado,

barafustando algo como «Como sempre, não me chamaste!» e ri entredentes. Não os podia chamar sempre que cada distribuidor de bebidas ia lá e tinha a triste ideia de se referir a eles em termos menos agradáveis.

— Não foi necessário! Sou baixinha, mas sei dar conta do recado — respondi-lhe, enquanto ele fechava a porta após eu ter entrado. — Agora, queres afugentar o nosso melhor fornecedor?

— Assim deixa de ter a sua graça! Ainda pensam que somos os bibelôs de estimação! — barafustou Chris, denotando na voz a frustração contida naquele corpo enorme.

— Chris, já que tocaste nesse detalhe... vocês SÃO os meus bibelôs de estimação! — comentei para o espicaçar e não contive o riso ao ver a expressão de espanto estampada na sua face.

— És, de facto, uma criatura cruel numa aparência apetecível! — resmungou Chris, rindo-se também em seguida, juntando-se os restantes elementos do staff que assistiam ao diálogo.

— Bingo! — respondi, piscando-lhe o olho. — Bem, um assunto sério. Quem vai hoje passear ao luar?

Todos os lobisomens olharam para mim, com uma expressão séria. *Não me digam que hoje decidiram fazer gazeta*, pensei, um bocado assustada com a ideia.

— Temos tempo até às 22h, chefe! Não se preocupe! Nada será partido ou colocado fora do seu lugar — afirmou Jack. Era o lobisomem de que menos gostava, apenas por causa da sua arrogância e mania de superioridade. Jack partilhava muitas semelhanças fisionómicas com Chris. As diferenças essenciais eram a altura — já que Jack era mais baixo —, o cabelo um pouco mais comprido e a atitude.

— Que assim seja! Quem está para entrar ao serviço, que se dirija aos seus postos. Falta pouco tempo para a abertura e a clientela está ao rubro hoje.

— Mais uma enchente de sugadores, imagino — resmungou Jack, com um estranho sorriso sarcástico no rosto.

Um breve silêncio preencheu a sala. Uns olhavam-me, outros, dirigiam-lhe um olhar de reprimenda. Os vampiros, em especial, adoravam esse tipo de cenas. Adoravam assistir os lobisomens a desafiar a autoridade, contudo, quando a situação era inversa — ou seja, quando eram os vampiros a desafiarem-me —, os tais «cachorros» gostavam do espectáculo, pois viam ali o pretexto ideal

para poderem começar uma grande pancadaria ali dentro. Enfim! Crianças grandes, era o que acabavam por ser nesse aspecto.

— Sim! Esses, os feiticeiros da zona, metamorfos, lobisomens, nada que assuste alguém com as tuas capacidades, certo, Jack? — contrapus num tom firme.

E, num piscar de olhos, todos decidiram ocupar-se com algo. Jack lançou-me um olhar de poucos amigos, no entanto, afastou-se da sala, dirigindo-se ao quarto.

Dois minutos antes de abrirem as portas, realizei a minha rápida inspecção ao local e, com um sorriso, percebi que estava tudo no sítio. A sala de jogos, com as suas mesas de *snooker* numa parte e pistas de *bowling* noutra, estava pronta para receber os entusiastas.

Num dos cantos do clube, entre o corredor que levava ao meu escritório e à nossa sala privada, estava um grande sistema de áudio, que, aliado à acústica da sala, proporcionava uma qualidade de som fantástica e, ao seu lado, um montão de CD's. Sim, ainda era da velha guarda em relação a ter CD's por perto, contudo, tinha sempre uma *playlist* reservada e pronta a funcionar. Mas, nesse dia, não era esse o caso. Apetecia-me algo diferente. O que escolheria e qual a sua sequência ocupavam de forma temporária a minha mente, em simultâneo com as gargalhadas animadas de um pequeno grupo de seguranças que se aproximava.

Enquanto ponderava a minha decisão, ocorreu-me que não era surpresa alguma que, nas noites de lua cheia, os lobisomens se ausentassem, deixando as tarefas de segurança a cargo dos outros. Por sinal, ao contrário do que se poderia pensar, eram precisamente eles, os que tinham fama de causar rebuliço em espaços fechados, que partiam para o seu passeio sob o luar. Mas, como sempre, quem acabava por beneficiar eram os outros.

Vampiros e demónios, esses sim, eram o meu verdadeiro pesadelo. Qualquer coisinha bastava para os irritar ou ofender. Sim, seria uma noite bem longa... E, por isso mesmo, decidi ficar sentada por uns instantes no meu escritório, aproveitando para preparar um chá de menta. Além de me apetecer imenso, adorava o seu aroma e o sabor refrescante. Depois, talvez avançasse para algo mais forte, acompanhado de um petisco parecido com aquilo que os humanos chamavam de *After Eight*. Quem saberia o que a noite ainda reservava?